

O outro que era eu: entre a intimidade e a História, a escrita confessional em *Do Diário de Sílvia*, de Erico Verissimo

The other who was me: between intimacy and History, the confessional writing in Do Diário de Sílvia, by Erico Verissimo

Rodrigo Felipe Veloso¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a narrativa *Do Diário de Sílvia*, de Erico Verissimo, sob a ótica da escrita confessional e da narrativa íntima inserida no contexto histórico do Brasil e do mundo durante a primeira metade do século XX. O texto, incluído na última parte do volume *O Arquipélago*, da trilogia *O Tempo e o Vento*, constitui-se como um exemplo significativo do entrelaçamento entre a subjetividade e o panorama político e social daquele período. Por meio do diário da protagonista, são examinados aspectos como o papel da mulher, os conflitos conjugais e existenciais, a repressão social e o impacto dos eventos históricos como a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Civil Espanhola e a ditadura do Estado Novo. O estudo encontra-se fundamentado em teóricos como Philippe Lejeune, Leonor Arfuch, Robert Scholes e Sheila Dias Maciel e propõe uma reflexão sobre a valorização literária do gênero confessional e a importância da memória subjetiva como elemento de construção histórica e literária.

Palavras-chave: Escrita confessional. Diário íntimo. Erico Verissimo. Subjetividade. Romance histórico.

Abstract: This article analyzes Erico Verissimo's narrative *Do Diário de Sílvia* (From Silvia's Diary) from the perspective of confessional writing and intimate narrative within the historical context of Brazil and the world during the first half of the 20th century. The text, included in the final part of the volume *O Arquipélago* (The Archipelago), in the trilogy *O Tempo e o Vento* (Time and the Wind), constitutes a significant example of the intertwining of subjectivity with the political and social landscape of the time. Based on the protagonist's diary, aspects such as the role of women, marital and existential conflicts, social repression, and the impact of historical events such as World War II, the Spanish Civil War, and the Estado Novo dictatorship are examined. Drawing on theorists such as Philippe Lejeune, Leonor Arfuch, Robert Scholes, and Sheila Dias Maciel, the article also proposes a reflection on the literary valorization of the confessional genre and the importance of subjective memory as an element of historical and literary construction.

Keywords: Confessional writing. Intimate diary. Erico Verissimo. Subjectivity. Historical novel.

¹ Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

*Gosto de gente. Desejo que os outros gostem de mim. A minha vida
não teria sido, toda ela, uma busca de amor?*
(Verissimo, 2005, p. 38)

*Toda confissão é um diálogo com o passado que insiste em
permanecer presente.*
(Rodrigo Felipe Veloso)

Introdução

A efervescência da escrita de si no século XX, com o crescimento da produção de diários íntimos, memórias, confissões e relatos autobiográficos, reflete a busca individual por sentido e permanência e um esforço por resguardar a experiência subjetiva em um tempo de transformações radicais. Conforme afirma Leonor Arfuch (2010), a escrita biográfica tenta apreender a qualidade evanescente da vida e reitera, sobretudo, uma prática de resistência ao esquecimento.

Embora o impulso de narrar a si mesmo não seja uma invenção do século XX, foi nesse período, com a consolidação da sociedade burguesa e do sujeito moderno, que a escrita íntima encontrou seu auge como gênero e como espaço de elaboração identitária, como lembra Maria Luiza Ritzel Remédios (1996).

Nesse sentido, Remédios (1996), ao analisar a preservação da vida no diário, especialmente ao tratar das anotações memorialísticas de Getúlio Vargas, revela uma escrita de si marcada por uma profunda consciência da solidão e da complexidade das relações humanas e serve, além disso, como instrumento de autoconhecimento e registro íntimo de sua trajetória como homem e político. Ao escrever para si mesmo, sem a necessidade de justificar suas ações ao outro, Vargas constrói uma narrativa centrada no instante vivido e, por efeito, assume uma identidade enunciativa que reflete tanto sua interioridade quanto sua responsabilidade diante da história. O diário torna-se, assim, um espaço de elaboração subjetiva e de reflexão contínua sobre os acontecimentos e decisões políticas, que se configura como um “repositório de fatos” e uma “lição de experiência” que transcende o simples testemunho, uma vez que adquire valor documental e ético.

A tradição da confissão, de Santo Agostinho a Rousseau, revela o fascínio humano pelo íntimo, mas é somente na modernidade que tal escrita ganha densidade psicológica, valor literário e força editorial. Com efeito, dentro do vasto repertório da literatura intimista, destacam-se duas obras fundadoras do gênero confessional: *As Confissões*, de Jean-Jacques

Rousseau, e *Confissões*, de Santo Agostinho. Ambas representam momentos decisivos da história literária em que o sujeito se desnuda diante da linguagem e, por conseguinte, expõe suas contradições, desejos, falhas e esperanças em um tom revelador. Esses textos inauguram um modo de narrar que transita entre o testemunho e a autoficção, ao mesmo tempo em que elevam a experiência pessoal a uma dimensão filosófica e espiritual. Ainda assim, por muito tempo, o gênero confessional foi considerado menor ou secundário frente à tradição das “altas literaturas”, frequentemente desvalorizado por sua aparente falta de objetividade ou por sua imersão excessiva na subjetividade do autor.

No entanto, esse panorama sofreu mudanças nas últimas décadas, com o crescente reconhecimento do valor estético e ético da escrita de si. Fala-se de obras que transitam entre a ficção e a não ficção e, por isso, ocupam lugar de destaque no mercado editorial contemporâneo, especialmente por oferecerem uma abertura quase total da vida íntima de quem escreve. O leitor contemporâneo, em busca de experiências autênticas e de narrativas que refletem angústias, dilemas e vivências comuns, encontra nesses textos uma identificação com o “eu” narrado e também um espaço de elaboração simbólica da própria subjetividade. A literatura confessional, nesse sentido, deixa de ser um gênero marginal para se afirmar como um espaço legítimo de expressão estética, emocional e política, no qual a experiência do autor se entrelaça à do leitor e promove pontes afetivas e reflexivas que desafiam as fronteiras tradicionais entre verdade e invenção, arte e vida.

Neste contexto, a narrativa *Do Diário de Sílvia*, publicado em 1962 como episódio da terceira parte de *O Arquipélago*, pertencente à trilogia *O Tempo e o Vento*, merece atenção especial. Pouco comentado frente a outros títulos de Erico Verissimo, *Do Diário de Sílvia* se insere com vigor na tradição da escrita confessional e representa com acuidade os dilemas históricos, políticos e existenciais do Brasil e do mundo nas décadas de 1930 e 1940. Dessa forma, este artigo propõe-se a recuperar a relevância da obra à luz do cruzamento entre a subjetividade feminina, o contexto histórico e os recursos da ficção memorialista.

O gênero diário e a escrita confessional

Segundo Philippe Lejeune (1991), o diário é, antes de tudo, uma prática de vida. Escrever diariamente, ou em intervalos periódicos, constitui uma maneira de estar no mundo, uma forma de dar sentido à experiência cotidiana, de capturar o instante e de resistir à erosão do tempo. Para Lejeune, a escrita diarística é marcada por três elementos fundamentais: a

primeira pessoa do singular, a referência ao tempo presente e a imprevisibilidade do futuro. Assim, o diário íntimo se configura como uma escrita que lida com a incerteza e a fluidez da existência, em permanente construção de si.

Sheila Dias Maciel (2002) destaca que o diário se estrutura como uma crônica do dia a dia, na qual o trivial e o profundo coexistem. Essa sobreposição de registros permite que o leitor acesse a vida interior do narrado e a pulsão do tempo histórico. Em outras palavras, o sujeito que escreve o diário registra acontecimentos e se inscreve como sujeito do tempo, interpretando a realidade à luz de suas próprias experiências. Nesse sentido, o diário íntimo pode ser lido como documento histórico, especialmente quando inserido em contextos de ficção, como o de *Do diário de Sílvia*, de Erico Verissimo.

Robert Scholes e Robert Kellogg (1977) apresentam uma distinção entre narrativas empíricas e míticas ao indicar que o relato pessoal pode adquirir autoridade quando parece desvinculado de artifícios e se aproxima da verossimilhança documental. A força da escrita confessional reside, assim, na sua capacidade de articular subjetividade e verdade histórica, como se o relato íntimo fosse também um testemunho social. Em outras palavras, o diário assume um valor duplo: é simultaneamente forma de expressão pessoal e construção de uma memória coletiva, especialmente em tempos de crise ou transformação cultural.

É nesse ponto que se insere a contribuição de Michel Foucault (1992), ao discutir a chamada “escrita de si”. Para Foucault, essa prática remonta à Antiguidade, quando os sujeitos cultivavam exercícios espirituais por meio da anotação regular de pensamentos, vivências e reflexões, como forma de cuidado de si (*epiméleia heautoû*). A escrita de si, nesse contexto torna-se uma prática ética, voltada à constituição de um sujeito capaz de refletir sobre sua existência, já que exerce a liberdade e a responsabilidade sobre sua própria formação.

No diário, essa dimensão ética da escrita foucaultiana ganha nova configuração, pois o sujeito moderno, imerso em um mundo de fragmentação e fluxos, busca na escrita íntima um espaço de ancoragem. “Continua a chuva. Mas não comprei este livro para fins meteorológicos. Preciso ter uma conversa muito sincera comigo mesma. [...] Está claro que meu problema maior sou eu mesma.” (Verissimo, 2005, p. 9). Escrever sobre si mesmo é confessar e construir estratégias de subjetivação. Foucault destaca que, ao contrário da confissão cristã, que busca uma verdade escondida no interior do sujeito, a escrita de si propõe a produção de uma verdade como efeito do próprio ato de enunciação, conforme se observa no discurso íntimo de Sílvia: “[...] quando estou na cama com meu marido e ele me abraça e acaricia com gestos que dizem claro de sua intenção, sinto algo difícil de descrever: pânico misturado com repugnância [...]”

(Verissimo, 2005, p. 15). Assim, o diário se inscreve numa prática discursiva em que o “eu” não é dado, mas construído.

Ao considerar o diário de Sílvia Cambará como uma ficcionalização dessa escrita de si, percebe-se como o texto de Verissimo articula memória, experiência, desejo e posicionamento político. A personagem Sílvia, ao escrever seu diário, narra acontecimentos e revela sua formação como sujeito, pois entrelaça questões afetivas, sociais e existenciais. A escrita torna-se lugar de escuta e de (re)invenção de si, já que aponta para a complexidade da identidade feminina no contexto histórico em que está inserida:

[...] nós éramos a flor da terra, consciência do mundo; quando nos agradeceu por estarmos ali com os *hermanos*, ajudando o povo espanhol e a causa da liberdade e da justiça social, senti que tinha atingido o momento mais belo, glorioso de minha vida. A brava guerreira estava de pé no alto da colina, e seu corpo recebia em cheio a luz do sol. (Verissimo, 2005, p. 26, grifo do autor).

Nesse contexto, Sílvia rememora um instante de exaltação coletiva vivido durante a Guerra Civil Espanhola, quando ela e seus companheiros se sentem reconhecidos como protagonistas de uma causa maior: a luta pela liberdade e pela justiça social. A expressão “nós éramos a flor da terra” revela a idealização daquele momento, em que os jovens revolucionários se percebem como a vanguarda ética e moral da humanidade. A metáfora da guerreira iluminada pelo sol no alto da colina simboliza a elevação espiritual e moral que Sílvia associa ao engajamento político, como se a luta pela justiça transformasse a dor e a violência em beleza e glória, bem como pode simbolizar o ideal simbolista francês no século XVII. Logo, trata-se de uma memória marcada por um sentimento de plenitude e transcendência, em que a personagem se sente parte de algo luminoso (ou a ensejar ideias iluministas) e historicamente significativo, mesmo que, posteriormente, essa visão idealizada seja abalada pelas desilusões políticas e pessoais.

Desse modo, o gênero diário se mostra fértil para a análise das formas de subjetivação contemporâneas, pois nos permite investigar os modos como o sujeito lida com o tempo, com a verdade e com os dispositivos culturais que o interpelam. A escrita confessional é um campo de elaboração simbólica da experiência e de construção de uma identidade narrativa. Como afirma Paul Ricoeur (1991), a narrativa é o meio pelo qual o sujeito dá coerência à sua trajetória, e o diário, nesse sentido, é a forma breve e cotidiana dessa poética do existir. Com isso, Sílvia menciona, enquanto visão de sua realidade, que “[...] o diabo é que não consigo

apenas escutar. Lá pelas tantas, entro a sofrer com o meu confidente, a sentir nos nervos e na carne, bem como no espírito, suas dores e misérias.” (Veríssimo, 2005, p. 18).

Em síntese, a conjugação entre as contribuições de Lejeune (1991), Scholes (1977), Maciel (2002) e Foucault (1992) permite compreender o diário íntimo como um espaço de tensão entre o pessoal e o coletivo, o vivido e o representado, o espontâneo e o construído. No caso da narrativa *Do Diário de Sílvia*, essa tensão se revela na ambiguidade entre o relato íntimo e a crítica social, na articulação entre o feminino e o político, e na escrita como gesto de resistência e autoconhecimento. O diário, assim, é mais do que testemunho: é prática de subjetivação, criação de sentido e mediação com o mundo.

A narradora e os conflitos pessoais

Sílvia Cambará, protagonista e narradora do diário, revela, ao longo de suas anotações, a complexidade de seus conflitos internos. Criada por uma mãe amarga, dominadora e frustrada, e órfã de pai desde os três anos de idade, Sílvia desenvolve desde cedo um senso de abandono afetivo que molda suas relações futuras. Na ausência de uma figura paterna real, projeta no padrinho Rodrigo Cambará a imagem idealizada do pai protetor, afetuoso e inspirador. Essa idealização precoce não se limita ao campo afetivo e ainda contribui para a construção de um imaginário romântico, em que figuras masculinas ocupam o lugar do impossível.

Esse processo de idealização se transfere posteriormente para Floriano, filho de Rodrigo, por quem Sílvia desenvolve um amor contido, doloroso e não correspondido. Floriano representa para ela a possibilidade de amor verdadeiro e também o abismo da frustração. Seu silêncio e indiferença configuram uma ausência simbólica que reativa, em Sílvia, antigas feridas de rejeição e insegurança. A jovem, presa entre o desejo e a impossibilidade, transforma o diário em espaço de elaboração de suas angústias, uma vez que projeta no papel aquilo que o mundo externo não lhe permite expressar: “[...] nova carta de Floriano, da Califórnia. É pueril, absurdo, mas aguardo essas cartas num alvoroço de namorada. E também numa espécie de susto.” (Veríssimo, 2005, p. 87).

Sem retorno do amado, Sílvia aceita casar-se com Jango, irmão de Floriano, num movimento que revela a forte pressão social sobre a mulher em relação ao casamento. Na sociedade patriarcal retratada por Veríssimo, a mulher solteira era vista como um fracasso social, o que impulsiona Sílvia a escolher a estabilidade aparente em detrimento do amor. Essa

decisão evidencia uma conformação às normas impostas, uma tentativa de fuga de si mesma e um desejo inconsciente de silenciar a dor da rejeição através da aceitação do papel social de esposa.

Uma noite procurei discutir o assunto com Jango, mas o meu marido me arrasou com poucas palavras: “Vamos cuidar da nossa vida, o que já não é pouco”. E a nossa vida não ia lá muito bem. Piorou consideravelmente em 1940, quando perdi a criança no terceiro mês de gravidez. Acho que Jango nunca ficou completamente convencido de que eu não tive nenhuma culpa desse insucesso. (Veríssimo, 2005, p. 86).

O casamento, no entanto, se mostra como um espaço de infelicidade e opressão. No diário, Sílvia registra sua repulsa física ao marido, sua frustração diante de uma maternidade sem vínculo emocional e sua sensação de aprisionamento num cotidiano sem afeto. O que poderia ser espaço de acolhimento e construção de uma nova identidade revela-se um cárcere emocional. A figura de Jango, embora fiel e presente, encarna a mediocridade de uma relação construída sobre o dever, não sobre o desejo. O corpo de Sílvia, adoecido, torna-se metáfora dessa recusa à vida que lhe é imposta.

O conflito amoroso entre Sílvia, Floriano e Jango configura o centro emocional da narrativa. Floriano representa o ideal inalcançável, a promessa de um futuro que nunca se realiza; Jango, por sua vez, representa, de forma simbólica, a dificuldade de compreender plenamente a realidade. Sílvia vive entre esses dois polos, pois carrega em si o vazio de uma existência que não escolheu plenamente. O diário lhe oferece, assim, um espaço de descompressão, no qual ela pode registrar o fracasso do modelo tradicional de felicidade feminina, a exemplo do casamento, da maternidade e da vida doméstica, e elaborar sua própria crise de identidade.

Além da dimensão afetiva, o texto revela um conflito profundo com a própria ideia de feminilidade imposta pela sociedade. Sílvia demonstra, em vários momentos, sua inadequação em relação ao papel de mulher submissa, compreendida apenas como esposa e mãe. Ela contesta, mesmo que silenciosamente, as estruturas patriarcais que condicionam sua vida, e sua escrita se torna um modo de resistir, de reinventar-se por meio do cansaço e da dor. A introspecção confessional é, nesse contexto, uma forma de se contrapor ao conformismo e de buscar alguma forma de autenticidade existencial.

A narradora, ao escrever seu diário, mobiliza também um olhar crítico sobre si mesma. Em vez de se vitimizar, reconhece suas ambivalências, suas contradições, sua incapacidade de amar Jango ou de abandonar a idealização de Floriano. Sua lucidez, por vezes cruel, revela um processo de amadurecimento doloroso, mas necessário. A escrita funciona, portanto, como um

espelho em que ela se vê e se refaz, já que desnuda a personagem por trás da máscara social. A fragmentação de sua identidade, o colapso entre o que sente e o que vive, constitui o motor dramático do romance.

Sílvia Cambará encarna o dilema de muitas mulheres de seu tempo, dilaceradas entre o dever e o desejo, entre a aparência e a autenticidade. Sua escrita íntima torna-se instrumento de resistência simbólica, mesmo quando não gera mudança concreta no mundo exterior. Através do diário, ela recupera uma voz que o mundo tenta calar, bem como confere sentido ao sofrimento e à desilusão. Assim, Erico Verissimo constrói, por meio de sua personagem, uma crítica sensível à condição feminina e aos impasses da subjetividade moderna.

O fundo histórico: guerra, ditadura e memória

Apesar do foco intimista, o diário de Sílvia é atravessado por acontecimentos históricos de grande envergadura. A Segunda Guerra Mundial, a Guerra Civil Espanhola e a ditadura de Getúlio Vargas aparecem de maneira incisiva no texto, e, por sua vez, revela a inserção da personagem em um mundo em conflito. O cotidiano da narradora é permeado por notícias de rádio, relatos de amigos, discursos políticos e cartas que testemunham os dilemas de uma época. Dessa forma, o romance realiza uma fusão entre o individual e o coletivo, entre o íntimo e o histórico, em que a subjetividade de Sílvia dialoga constantemente com os dramas do mundo exterior.

Depois das derrotas dos nazistas na Rússia e na África, e do desembarque de tropas americanas na Sicília e em Salerno, não há mais dúvida: os aliados venceram a guerra. O fascismo se esborrou. Bodoglio prendeu Mussolini. O resto agora é uma questão de tempo. E a gente fica triste por saber que esse tempo vai ser marcado pela morte e pela destruição. (Verissimo, 2005, p. 87-88).

O uso da narrativa diarística permite que os acontecimentos históricos não sejam apresentados como uma linha cronológica impessoal, mas como reverberações na vida de uma mulher comum, situada em um tempo turbulento. A história, nesse sentido, é um campo de afetação. Sílvia é uma espectadora dos fatos e também os absorve, os registra e os interroga. Seu diário é um espaço em que a memória individual e a memória histórica se entrelaçam, de modo a transformar o vívido em matéria de reflexão sobre a condição humana.

A figura de Arão Stein, judeu que lutou na Espanha Republicana, é um exemplo eloquente da presença do político na narrativa pessoal. Seus relatos de tortura, heroísmo e resistência evocam o sofrimento real de milhares de combatentes anônimos, vítimas do avanço

fascista na Europa. Stein representa o sujeito histórico ativo, aquele que escolhe o lado da resistência em meio à barbárie. Para Sílvia, Stein é também uma figura simbólica: nele se projeta a esperança de um mundo mais justo, ao mesmo tempo em que sua dor torna-se um espelho das feridas invisíveis que ela própria carrega: “[...] posso te dizer uma coisa? Amas tanto a humanidade que não te sobra muito amor para dares aos indivíduos.” (Verissimo, 2005, p. 27).

A presença de Stein na vida de Sílvia reforça o papel da escuta e da empatia no romance. Ela não luta nas trincheiras, mas acolhe os testemunhos daqueles que enfrentaram o horror diretamente. A personagem torna-se, assim, uma espécie de receptáculo do trauma coletivo, ainda que filtrado por sua experiência individual. A escuta sensível da dor alheia, aliada à sua própria angústia existencial, confere à personagem uma consciência histórica aguda, capaz de transcender a esfera privada e intuir a gravidade do que está em curso no mundo.

A atuação de Rodrigo Cambará, padrinho de Sílvia e político alinhado a Vargas, permite que o romance explore também as ambiguidades do Estado Novo. Por meio de cartas e discursos, Verissimo traça o perfil de um regime autoritário que flertava com o fascismo ao mesmo tempo em que negociava com os Estados Unidos. A relação dúbia de Getúlio com o nazismo e com o liberalismo ocidental é exposta como um jogo político tenso, que revela as contradições ideológicas do Brasil naquele período. Rodrigo Cambará simboliza o intelectual cúmplice, cuja adesão ao regime não elimina suas dúvidas éticas:

Durante as férias de verão, eu examinava a fisionomia de meu padrinho, atenta às palavras e gestos. Por mais que quisesse concluir que ele era o mesmo, a evidência me derrotava. [...] As ideias que agora expunha eram a negação do Rodrigo romântico, liberal e desprendido de antes de 1930.

Nas férias de 1936-1937, eu ouvi queixar-se pela primeira vez de seu amigo, o presidente da República. “O Getúlio é um ingrato”, disse ele um dia ao irmão. “Há mais de dois anos, prometeu me mandar para a Europa numa comissão, talvez como embaixador em Lisboa... Mas qual! Esquece-se. Ou então algum dos lobos de sua corte lhe encheu os ouvidos com mentiras a meu respeito”. (Verissimo, 2005, p. 84).

Sílvia, nesse contexto, desenvolve um olhar crítico diante do discurso oficial. Sua escrita revela desconfiança em relação às promessas de progresso e à retórica do poder. A distância entre o mundo dos homens públicos e sua vida íntima de mulher não a impede de perceber a violência implícita nas decisões políticas e a hipocrisia de certos discursos nacionalistas. O diário se torna um instrumento de registro do não dito, da memória subterrânea que resiste à história escrita pelos vencedores. Nele, a ditadura é narrada desde dentro, não do palácio do Catete, mas do silêncio de uma mulher enclausurada.

A articulação entre história e literatura na narrativa de Verissimo realiza, portanto, uma crítica implícita ao apagamento da subjetividade nos grandes relatos históricos. A personagem Sílvia, com sua sensibilidade ferida, ocupa um lugar marginal no cenário político, mas sua escrita nos revela um modo alternativo de narrar o século XX. O diário, nesse sentido, cumpre uma função ética e estética: resgatar a dimensão afetiva da história, tornar visíveis os pequenos sofrimentos, as hesitações e as escolhas íntimas que moldam a consciência de uma época.

Ao propor esse cruzamento entre a memória individual e a memória coletiva, *Do Diário de Sílvia* insere-se numa tradição literária que valoriza o testemunho e o papel do sujeito na elaboração do passado. Verissimo nos convida a pensar não apenas sobre os fatos históricos em si, mas sobre a maneira como eles afetam o cotidiano, o amor, a linguagem, o corpo. Em tempos de ditadura, guerra e censura, a escrita íntima torna-se um gesto de resistência: não gritado nas praças, mas sussurrado no papel. E é nesse sussurro que o romance encontra sua potência crítica e poética.

Deus, culpa e o desejo de redenção

O drama de Sílvia não se resume aos aspectos amorosos e políticos. A personagem vivencia uma profunda crise espiritual, marcada pela culpa, pela angústia existencial e pelo desejo de redenção. Após a perda do filho, um dos acontecimentos mais traumáticos de sua trajetória, Sílvia mergulha em uma espiral de sofrimento silencioso e, por efeito, tenta encontrar na religião explicações metafísicas e algum alento simbólico para suas dores mais íntimas. A morte da criança, que simbolizava para ela uma possível reconfiguração afetiva e um novo início, reforça a sensação de fracasso absoluto de sua vida conjugal e materna.

A figura do Irmão Toríbio, padre e amigo da família Cambará, ocupa um papel importante nesse processo de busca espiritual. Com sua postura compassiva e reflexiva, ele representa uma tentativa de reconciliação entre fé e razão, entre sofrimento e transcendência. Para Sílvia, o Irmão Toríbio aparece como uma presença consoladora, como um espelho de sua impotência diante de um Deus que parece silencioso. A possibilidade de encontrar em Deus o único amor infalível, como sugere o religioso, é colocada à prova frente ao peso esmagador da realidade.

A tensão entre fé e desesperança perpassa as páginas do diário e, consequentemente, revela o esvaziamento de certezas religiosas que marca a modernidade. Sílvia não encontra conforto imediato nas orações, tampouco se entrega cegamente à doutrina. Seu percurso

espiritual é feito de dúvidas, interrogações, revolta e, por vezes, resignação. Essa ambivalência torna sua busca mais autêntica e humana, pois revela a espiritualidade como terreno conflituoso, no qual a linguagem religiosa entra em disputa com a dor vivida.

A escrita do diário assume, nesse contexto, a função de confissão laica. Como já sugeria Michel Foucault (1992) ao tratar da confissão como dispositivo de poder e subjetivação, o ato de confessar, mesmo fora do âmbito institucional religioso, constitui uma prática de construção de si. Em suas anotações, Sílvia relata seus pecados ou faltas e tenta compreender o lugar de sua dor no mundo. A escrita torna-se uma busca pela cura, uma forma de elaborar a culpa e a perda através da linguagem. Confessar-se a si mesma, no silêncio da página, é também uma forma de resistir à fragmentação interior.

O sentimento de culpa, que atravessa o texto em diferentes níveis, seja pela morte do filho, pela repulsa ao marido ou pelo amor impossível a Floriano, não encontra resolução plena. A personagem parece prisioneira de uma ética que exige sacrifícios em nome da tradição e da moralidade, sem oferecer consolo. No entanto, é precisamente nesse abismo ético que ela constrói uma subjetividade inquieta, marcada por uma lucidez dolorosa. Sílvia não se absolve, mas tampouco se aniquila. Ela escreve, e ao escrever, insiste em existir.

O desejo de redenção, embora não plenamente realizado, move a personagem em direção a uma interioridade mais profunda. Sua busca espiritual é também uma busca estética: pela palavra justa, pela imagem que traduza o indizível, pela memória que reconstitua aquilo que foi perdido. Em meio às perdas materiais e afetivas, resta-lhe a possibilidade de reconstruir-se simbolicamente, mesmo que seja apenas entre as páginas do diário. A fé, nesse sentido, é como uma abertura ao invisível, ao que escapa à razão e à lógica do mundo.

É importante observar que o romance de Verissimo não oferece respostas dogmáticas à crise espiritual da personagem. Ao contrário, o texto valoriza a ambiguidade como condição da existência moderna. Deus aparece, no diário de Sílvia, ora como esperança, ora como ausência. A religião, como lugar de sentido, não é negada, mas problematizada. A personagem está entre o desejo de acreditar e a impossibilidade de fazê-lo plenamente. Essa tensão é que confere espessura à sua experiência espiritual, nem heroica, nem cínica, mas, ao contrário, profundamente humana.

Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. [...] A terra parece anestesiada. Raras estrelas começam a apontar no firmamento, mais adivinhadas que propriamente visíveis. Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto é a tardinha que me contagia com sua doce febre. Tenho a impressão de estar suspensa no ar... E de que alguma coisa vai acontecer. Cerro os olhos e fico esperando o recado de Deus. (Verissimo, 2005, p. 88-89).

O sofrimento de Sílvia ganha densidade precisamente por não ser canalizado por soluções fáceis ou esperanças idealizadas. O diário registra o percurso de uma consciência em busca de sentido num mundo em ruínas, afetivas, políticas e metafísicas. O Deus que Sílvia procura talvez não seja o das igrejas, mas aquilo que pode emergir do silêncio, da escrita e da escuta interior. A redenção, se há, está no gesto de escrever, de reexistir pela linguagem, de persistir mesmo na ausência de respostas. E é nesse ponto que a personagem atinge uma forma sutil de transcendência.

A escrita como resistência e construção de si

O ato de escrever o diário constitui para Sílvia uma forma de resistência contra as múltiplas formas de opressão que permeiam sua vida. Em um mundo dominado por homens, por regimes autoritários e por normas sociais rígidas que regulam o comportamento feminino, o diário representa seu espaço de liberdade absoluta. Nele, Sílvia pode ser verdadeira consigo mesma e com o leitor invisível, pode expressar desejos proibidos, amar sem censura, duvidar sem culpa e recordar sem pudor. Essa escrita, aparentemente simples, é um gesto político de afirmação da subjetividade e da autonomia em meio ao silêncio exigido pela sociedade patriarcal.

Por meio do diário, Sílvia constrói sua identidade em um processo contínuo de autoafirmação. Ao narrar suas emoções, dúvidas e angústias, ela delimita os contornos de um eu que resiste à fragmentação imposta pelos papéis sociais restritivos. A escrita confessional torna-se um dispositivo para articular o eu disperso, organizando a experiência dispersa em um discurso que reivindica sentido e coerência. Essa dimensão da escrita reforça o que Arfuch (2010) define como a “escrita de si” enquanto narrativa existencial que também se torna narrativa do mundo.

O Brasil declarou guerra às potências do Eixo. A cidade está agitada. Estouram foguetes. Grupos andavam pelas ruas com bandeiras, cantando hinos, gritando vivas e morras. A coisa toda começou como um carnaval, mas à medida que as horas passavam, se foi transformando em algo sério. [...] Jango aprovou todos esses atos de violência. Justificou-se: “Eles puseram a pique os nossos navios, mataram patrícios nossos”. Não me contive e repliquei: “Eles quem? [...]. “Tu não entendas dessas coisas. Cala a boca”. Ficou ainda mais irritado quando desatei a rir [...]: “Tu me mandas calar a boca ditatorialmente e no entanto detestas Hitler porque ele é um ditador”. [...] Só à noite é que as patrulhas montadas da polícia saíram à rua para restabelecer a ordem na cidade. A batalha de Santa Fé estava terminada. (Veríssimo, 2005, p. 59-61).

O episódio mistura a euforia coletiva com a percepção crítica da narradora-protagonista diante da irracionalidade das massas e da contradição nos discursos autoritários. A reação de Jango, que defende atos violentos em nome do patriotismo, é confrontada com a lucidez e o humor da narradora, que denuncia o autoritarismo velado em comportamentos cotidianos. Ao relatar esse episódio vivenciado em Santa Fé durante a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, Veríssimo insere sua experiência individual num contexto histórico mais amplo, pois expõe tensões entre o público e o íntimo, o coletivo e o subjetivo. Nesse sentido, esse excerto associa-se à escrita de si por seu caráter memorialista, pela expressão da subjetividade em conflito com as pressões externas e pela recusa a silenciar-se diante da imposição do poder, mesmo nas esferas mais íntimas da convivência familiar e social. A escrita torna-se, assim, um espaço de resistência e elaboração crítica do vivido.

Segundo Arfuch (2010), a escrita de si não se limita à introspecção narcisista, pois é, também, uma forma de narrativa do tempo e da história. Ao registrar suas vivências particulares, Sílvia traça um mapa subjetivo que reflete, de forma indireta e fragmentada, a complexidade da sua época. O diário revela a confluência entre o pessoal e o político, entre o íntimo e o histórico, entre o amoroso e o social. Através dessa articulação, o texto permite múltiplas leituras que ultrapassam o individual, já que situa o eu em um contexto coletivo e de resistência.

A escrita de Sílvia, assim, atua como um contraponto às vozes hegemônicas e aos discursos oficiais que silenciaram a experiência feminina e os dissensos políticos da época. A escrita íntima resiste ao apagamento, pois promove a visibilidade a uma subjetividade marginalizada. Esse ato de narrar a si mesma é um modo de afirmar a existência num cenário que tenta invisibilizá-la, uma forma de dizer “eu existo” diante de estruturas sociais que procuram negá-la.

Além disso, o diário funciona como um espaço de experimentação e invenção da linguagem. Sílvia, ao escrever, apropria-se das palavras para dar forma às suas sensações, muitas vezes ambíguas e contraditórias. Essa linguagem da resistência não é neutra; ela carrega a força de uma voz que se recusa a ser silenciada. A escrita torna-se, portanto, ato performativo, capaz de produzir efeitos reais no campo da subjetividade e das relações sociais.

A dimensão ética da escrita também merece destaque. De maneira inspirada em reflexões foucaultianas, pode-se entender o diário como um exercício de cuidado de si (*epiméleia heautoú*), no qual Sílvia, por meio da escrita, busca constituir-se como sujeito moral

e estético. Esse processo é simultaneamente doloroso e libertador, pois exige o enfrentamento de seus próprios limites, culpas e medos, ao mesmo tempo em que oferece à personagem um horizonte de autonomia e autoaceitação.

Outro aspecto importante é o caráter testemunhal da escrita: “por que escrevo essas coisas impiedosas? [...] É preciso desmascarar [...].” (Verissimo, 2005, p. 44). O diário registra uma vida e também documenta os efeitos da história na existência de uma mulher. Essa dimensão testemunhal confere ao texto uma potência ética, ao colocar em evidência as contradições e injustiças de seu tempo. A escrita torna-se um instrumento de memória e de denúncia, capaz de preservar o vivido contra o esquecimento e a distorção dos relatos oficiais.

A resistência presente na escrita de Sílvia também se manifesta na subversão dos papéis femininos tradicionais. Ao se negar a aceitar plenamente os destinos impostos – o casamento sem amor, a maternidade frustrada, a obediência cega –, ela recusa as narrativas dominantes que tentam ditar o que uma mulher deve ser. O diário, portanto, é um espaço de contestação, onde a personagem experimenta outras formas de ser e existir, ainda que de maneira fragmentada e conflituosa: “[...] o vento da dúvida sopra de novo. Minha fé se curva como um junco sobre a água, para não se quebrar. O tempo amanhã pode melhorar.” (Verissimo, 2005, p. 64).

A escrita íntima de Sílvia é também uma forma de sobrevivência psíquica. Ao lançar suas angústias, dúvidas e esperanças no papel, ela cria um espaço seguro onde pode enfrentar a solidão e o desamparo. A escrita funciona como um ato de cuidado e resistência frente a uma realidade opressora e, por contiguidade, permite que a personagem mantenha um sentido de continuidade e coerência em sua trajetória.

A escrita do diário em *Do Diário de Sílvia* emerge como uma prática dinâmica e abrangente: resistência política, construção identitária, exercício ético e espaço de testemunho. Por meio dela, Sílvia Cambará narra sua vida e recria sua existência em uma busca constante por liberdade, autenticidade e sentido, uma vez que torna seu diário um verdadeiro ato de insurgência contra o silêncio e a invisibilidade.

Considerações finais

O romance *Do Diário de Sílvia* evidencia de maneira contundente o poder da literatura de absorver a experiência subjetiva e situá-la no cerne das grandes questões históricas. Ao optar pelo formato do diário íntimo, Erico Verissimo cria uma ponte entre o individual e o coletivo,

permitindo que o leitor acesse a vida interior de Sílvia e o pulsar de um tempo marcado por conflitos sociais, políticos e espirituais. Essa escolha formal não é somente estética, senão que, também, estratégica, pois oferece uma visão plural da existência humana, que acolhe as contradições e fragmentações do sujeito diante da história.

Ao dar voz a uma personagem feminina construída a partir de camadas bem fundamentadas, o autor rompe com representações unidimensionais do feminino, pois Sílvia incide como um sujeito que experimenta e resiste simultaneamente às imposições do patriarcado, às angústias do amor e às rupturas históricas. Essa construção reforça a importância da literatura como espaço para a emergência de narrativas marginalizadas, no qual as experiências íntimas ganham densidade e legitimidade. Sílvia simboliza uma pluralidade de vozes e experiências que por muito tempo foram silenciadas nas narrativas oficiais.

A obra confirma, desse modo, a força da escrita confessional como um espaço privilegiado para a elaboração do eu como ato de autoexpressão, como prática de resistência à opressão e como instrumento de registro histórico. Em um contexto marcado por regimes autoritários, censura e apagamentos sistemáticos de memória, o diário funciona como um gesto ético e político que reafirma a importância de ouvir a subjetividade e preservar as múltiplas camadas da experiência humana. O diário de Sílvia torna-se um relicário da memória afetiva e política, um espaço pelo qual o privado e o público se entrelaçam de forma inseparável.

Essencialmente, *Do Diário de Sílvia* nos convoca a uma reflexão mais ampla sobre o papel da literatura diante das crises contemporâneas. O romance nos lembra que as grandes narrativas históricas não podem prescindir das pequenas histórias individuais, tampouco da voz dos que resistem silenciosamente. A escrita íntima, nesse sentido, não pode ser considerada apenas como um registro do passado, mas como um ato de criação e esperança, capaz de manter viva a chama da dignidade humana em tempos de escuridão. O legado de Erico Verissimo é, portanto, o de um convite à escuta atenta e ao respeito pela complexidade da experiência humana em toda a sua dimensão política, afetiva e espiritual.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992.

JIRMUNSKI, V. Sobre a questão do "método formal". In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira Toledo (org.). *Teoria da literatura - formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 57-70.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Irene Ferreira et. al. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2005.

LEJEUNE, Phillippe. El pacto autobiográfico. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 1991. p. 47-61.

MACIEL, Sheila Dias. Diários: escrita e leitura do mundo. *Analecta*, Guarapuava, v. 3, n. 1, p. 57-62 jan/jun. 2002.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritchel. Preservação da Vida na Escrita: O Diário de Getúlio Vargas. *Revista Estudos Históricos*, v. 17, 1996.

SCHOLLES, Robert; KELLOGG, Robert. *A natureza da narrativa*. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.

VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago: Parte III – Do Diário de Sílvia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v17.n39.05>

Submetido em: 26/07/2025

Aprovado em: 13/11/2025